

UM MESTRE, POR FAVOR!

Análise semi-semiótica do conceito de sabedoria

MATTE, Ana Cristina Fricke¹

RESUMO: Onde foi que deixei meus mestres? Tive vários, alguns poderosíssimos. O mais importante deles se foi pra outra dimensão há mais de dez anos e até hoje ele “aparece”, igualzinho nos filmes do Skywalker, com revelações. Antes de ir pra lá ele era bem mais compreensível. Ou será que os meus problemas é que ficaram mais complexos, de modo que respostas diretas não ajudam mais? Enfim, no bar, no chat, nos sistemas de busca online... procura-se um mestre, por favor!

Palavras-chave: conhecimento, compartilhamento, titulação, internet, sistema de buscas.

1 INTRODUÇÃO

Preciso de um mestre. Não vim aqui trazer resultados de uma pesquisa ou mesmo um trabalho acadêmico, mas uma reflexão semiotizada (cf. MATTE, 2014) sobre os requisitos para tornar alguém digno da alcunha de mestre na atualidade. Não o título de mestrado, mas mestre no sentido de mentor, sábio. Num tempo em que a sabedoria parece estar todo a um clique de distância, quem pode ser mestre? Qualquer um. E ninguém. No bar, no chat, na internet... onde e quem são nossos mestres?²

2 UM MESTRE, POR FAVOR, SEU GARÇOM

Entrei num bar e pedi: um mestre, por favor! O garçom perguntou gentilmente se isso era marca de alguma cerveja nova. Troquei o mestre por uma malzebier. Respostas? Bom, tem gente por aí procurando respostas no fundo dos copos... Mas existem mestres nos bares?

Uma figura insólita num canto, quieto, lendo ou escrevendo e parecendo estar tão seguro de si que nem percebe a bagunça ao redor? Alguém como na música de Noel Rosa, Conversa de Botequim, que faz da mesa de bar sua escrivaninha? E o que dizer das reflexões infundáveis das conversas de mesa de bar? Sim, existem mestres nos bares, mas não é possível saber se é o sujeito com um ar disfarçado de superioridade ou o sujeito extrovertido da Conversa de Botequim ou mesmo um

1 Pesquisadora do CNPq processo 310304/2012-1. FALE/UFMG. anacrisfm@ufmg.br

2 Remix do original publicado em <http://riosdesonhos.wordpress.com/2011/08/02/um-mestre-por-favor>

alguém qualquer, que poderia ser você, eu, meu amigo, com suas tiradas fantásticas naquela estonteantemente “filosófica” conversa de bar.

Mas não é esse tipo de mestre que procuro. Enquanto i) o sujeito disfarçado de superior não parece querer compartilhar seu conhecimento com ninguém, afinal é ser o suposto detentor dessa sabedoria o que o faz parecer superior, ii) o sujeito que se senta na escrivania parece não compartilhar porque talvez não tenha muito a compartilhar, pelo contrário, quer esconder sua falta, sua carência numa gesto eloquente. São dois modos diferentes de ser do sujeito, o primeiro baseado no segredo (ser + não parecer), o segundo na mentira (não ser + parecer) (MATTE, 2014). Longe de estar qualificando ou desqualificando alguém, trata-se apenas de constatar que esse tipo de jogo é comum e faz parte das nossas habilidades comunicativas, as quais criam diferentes sistemas correlacionando manifestação (o que é expresso) e imanência (o que subjaz à expressão e a motiva, o conteúdo) (BERTRAND, 2003).

Finalmente, nós, “filósofos” de mesa de bar, compartilhamos conhecimento, mas não a sabedoria que busco agora num mestre: no bar, o conhecimento é caracterizado por uma volatilidade importante, uma duração quase instantânea e é por isso que os assuntos vem e vão nessas conversas com tanta facilidade, sem perda de interesse ou necessidade de retomadas.

A sabedoria do mestre que procuro, por outro lado, não poderia ser estritamente oposta a esse conhecimento volátil: caso fosse, admitiria um conhecimento superior, divino ou mágico, um conhecimento que é a verdade a ser alcançada. Ela está no meio do caminho, só dura enquanto não se puder encontrar motivos para modificá-la. O que faz desse sujeito um mestre, então, já que ele não é o repositório último da verdade, é saber transitar por essas paragens nas quais se produz, destrói, renova e recupera conhecimento: não é mestre do saber, é mestre do saber fazer saber, e também mestre do querer fazer saber fazer. Mestre em processos mentais, em vinculações, em instabilidade. Seu conhecimento é como a liberdade do software livre – uma liberdade **para** fazer alguma coisa específica –, é um conhecimento durável **até que** seja devidamente desestabilizado. E, se considerarmos que estabilidade, em última instância, é ilusória, momentânea, uma tendência e não um fato, o desejável é que seja desestabilizado.

UM MESTRE, POR FAVOR, MOÇADINHA

Depois de brigar por uma hora e meia com meu 3G que não funcionava, voltei pra casa atrás de uma conexão segura. Entrei na sala de bate-papo e pedi: um mestre, por favor! Chat errado: lá sou a guria que fez pos-doc, se peço um mestre, o que

vem? Saltando um título fresquinho aqui pra moça do nick andrógino: “você é doutor, porque iria precisar de um mestre?!?” mmm... não, lugar errado. Problemas de comunicação são tão frequentes em chats quanto em conversas face a face...

Novamente nos deparamos com essa ideia de saber estável, duradouro, com estatus de última palavra, um conhecimento objeto, pois pode ser possuído – e nossa língua corrobora essa ideia. É com base nisso que a titulação torna-se quase uma doença incurável a ser carregada pelo portador, de modo a gerar filtros nem sempre desejáveis em seus interlocutores. A titulação é um privilégio e não deveria ser usada para marcar superioridade ou para produzir efeito de autoridade, antes deveria ser usada para indicar diferença de perspectiva, mostrar que o portador do título é alguém que conhece os trâmites do saber científico e é com esse olhar que se debruça sobre o mundo. Em suma, alguém que teve o privilégio de ter acesso ao mundo científico, a um tipo específico de construção de saberes e não a um conhecimento único e irrefutável.

UM MESTRE, POR FAVOR, AMIGOOOGLE

Doenças incuráveis nos afetam mesmo quando queremos ignorá-las. Saí do chat com uma sensação inesperada de exclusão social. Pensei no amigo google, mas ele, coitado, já está corrompido pelos próprios scripts que dão aos usuários as respostas que eles mesmos escolhem. Ele analisa o que costumamos buscar e/ou escrever e nos dá como resposta sempre algo dentro desse escopo, certo de que vai nos satisfazer. Como certas pessoas (a maioria?), fala o que pensa que você quer ouvir.

A primeira entrada: Mestrado – Wikipedia, a enciclopédia livre. Se eu quisesse uma definição da Wikipedia, procuraria direto nela – e o Google sabe disso, mas não sabe que não é o que procuro agora.

Isso me fez lembrar dos meus tempos de rata de biblioteca, esmiuçando enciclopédias atrás de qualquer coisa interessante... Eu era bem mais livre naquele tempo. Ok, amigo google, perdão, hoje não é esse o tipo de agrado que eu desejo, preciso de mais liberdade. Preciso de um mestre e ainda não fabricaram oráculos eficientes na internet.

UM MESTRE, SEM FAVOR

E os mestres vivos, aqueles que passaram tintas de belas cores na minha vida fluída e ficaram em margens do meu passado como belas paisagens que merecem ser lembradas? Uns, mestres com títulos, outros, mestres que mal sabem ainda o que é isso.

Um mestre como o guri de 13 anos, cujo nick no IRC era Rafinha, que me ajudou a resolver inúmeros problemas no Linux em 2008, sabendo que assim aprenderia junto. Dono, portanto, de um conhecimento partilhável e que pode ser definido como construção colaborativa³. Conhecimento digno de ser chamado de livre, no sentido que as comunidades de software livre o concebem: livre para ser partilhado, modificado, distribuído e usado como você desejar e precisar (FSF, 2015).

Percebo o dilema. Preciso de um mestre, mas não qualquer mestre. Preciso de um mestre que não só precise de mim para coisa alguma mas aprenda comigo. Preciso de um mestre que não goste (nem desgoste) de mim, mas que me aceite como sou. Um que ouça minhas dúvidas fazendo delas suas próprias, indo junto comigo atrás de respostas quando não tem nenhuma. Preciso de um mestre que não queira me salvar ou passar a mão na minha cabeça, que não venha dizer o caminho a seguir, mas apontar as falhas de todos os caminhos existentes.

Será que o mestre que procuro é o mesmo que tento ser para aqueles que chegam no seu boteco e pedem: um mestre, por favor! O que será que ofereço de volta, malzebier?

A todos que querem um mestre, meu respeito. Diferentemente de duendes ou outras criaturas mágicas, mestres existem. Geralmente estão por aí, nos bares, nos chats, em sistemas de busca pedindo, sem sucesso: um mestre, por favor!

REFERÊNCIAS

FSF (Free Software Foundation). What is free software. The free software definition. Disponível em: <<http://www.gnu.org/philosophy/free-sw.html>> Acesso em: 16/05/2015.

BERTRAND, Denis. Caminhos da Semiótica Literária. Tradução do grupo CASA sob coordenação de I. C. Lopes, E. M. F. S. Nascimento, M. B. T. Mendes e M. G. Souza. Bauru - SP: EDUSC. 2003.

MATTE, Ana Cristina Fricke. Semitótica, contorno e turno. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/6089>> Acesso em: 16/05/2015.

³ Rafinha me contou, há pouco tempo, no IRC, que frequentamos bem menos, que se formou em direito.